



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Director — ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelvidente, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

Gazetilha

Senhor Sumatra de Lemos:
 A que música não temos
 o coreto do jardim,
 é que haja escuridão
 por volta da meia-noite,
 pois certo é que só, assim,
 é possível que se afoite
 vir por ali trinar
 na amorosa canção
 suave rouxinol.
 demais, é bom notar
 que é preciso limitar
 o consumo de energia
 em basta que haja, de dia,
 pra quem queira passear,
 intensa luz do sol
 que é bastante mais barata.
 Não venha pois protestar,
 amigo e Senhor Sumatra,
 contra a carência de luz
 que é uma coisa que temos,
 mais que suficiente, de dia,
 lhe que, se assim profia,
 seja um tombo e... catrapuz!
 Senhor Sumatra de Lemos.

LEÓNIDAS

Vultos Nisenses

FIGURAS CONTEMPORANEAS

O Cónego Manuel Carôlo

Na galeria dos nisenses ilustres do nosso tempo ocupa, por conquista, lugar de destaque, o Cónego Manuel da Cruz Carôlo.

Nasceu na freguesia do Espírito Santo desta vila em 2 de Dezembro de 1887.

Tendo-se preparado no Seminário de Portalegre para a vida eclesiástica, ordenou-se de presbítero e em 5 de Abril de 1911 cantou a sua primeira missa na Igreja Matriz desta vila, aos 21 anos de idade.

Em princípios de 1912 foi encarregado de paróquia a freguesia de Arronches onde, no

exercício do seu ministério, se demorou até Maio de 1915.

Durante o tempo em que paróquiou Arronches, o Cónego Manuel Carôlo, alma ardente de lutador, em tempos difíceis e árduos para a Igreja em Portugal, pregou a sua fé não só na sua paróquia, mas também por quasi todas as freguesias vizinhas e muito especialmente na cidade de Elvas.

Em 1915 pede e obtém demissões para a Arquidiocese de Évora, na qual veio depois a ser encardinado.

Encarregado pelo Arcebispo D. Augusto Eduardo Nunes de paróquia a freguesia de S. Pedro em Elvas e, depois, cumulativamente, a freguesia da Sé da mesma cidade, ficou com o curato de mais de metade da população elvensê.

A sua mocidade exuberante de vida e de energias morais deu-se ao desenvolvimento, em toda a plenitude, o seu zelo apostólico num meio hostil e quasi deschristianizado, como era então o da cidade de Elvas.

O Cónego Manuel Carôlo, com a sua palavra forte ao serviço duma vontade de ferro, realiza nos três anos da sua permanência em Elvas uma obra notável de proselitismo católico.

Promove e consegue a reviviscência da fé nessa cidade, criando o Apostulado da Oração e renovando o ensino da

catequese que há muito tempo ali se não fazia. Dá início às festas da comunhão solene das crianças, a segunda das quais, na catedral elevou-se, revestiu todas as pompas da Liturgia, assistindo às solenidades todas as pessoas que em Elvas marcavam pela sua posição social e pelo seu valor intelectual e moral. E foi no final dessa festividade que uma alta figura elvensê, o Dr. João Tierno—médico distintíssimo que, em Coimbra, fôra discípulo do illustre nisense Dr. Francisco Mi-

Conclue na pág. 2

Dr. Adolfo Bugalho

Foi nomeado para o cargo de Delegado de Saúde no Conselho de Castelo de Vide o Ex.º Sr. Doutor Adolfo Bugalho, médico que sabe inteligentemente aliar a sua vasta cultura científica com as Letras e as Artes. São da autoria deste nosso distinto amigo as xilografuras que publicámos no último número do «Correio de Nisa» e que tanto foram apreciadas pelos leitores.

Pela justiça que acaba de lhe ser feita, o felicitamos de todo o coração.

Câmara de Nisa

Na passada terça-feira, 16 do corrente, tomou posse da Presidência da Câmara de Nisa o Ex.º Sr. Dr. Francisco Mourato Pelequito, facto a que nos referiremos com pormenor, no próximo número.

Nisa Agrícola

A dura vida dos lavradores na época da sementeira

Episódio interessante

Nisa é uma vila essencialmente agrícola. A maioria da sua população, ou cultiva directamente a terra, ou inverte nela os seus capitais, cobrindo-a de plantações diversas, obrigando-a a desentranhar-se em produções que, se não são farras, porque o solo é pobre, são, no entanto, bastante variadas e algumas, de largo e merecido nome.

E' porém, o canteio a cultura mais adaptável à magreza dos terrenos da região e nela referentemente se emprega a actividade dos agricultores nisenses, a laboriosa e incansável região dos nossos lavradores, cuja vida aspérrima é uma luta corralada e inquebrantável contra a ingratidão do solo e a irregularidade do clima.

Já noutras emergências tenho focado este aspecto da vida agrícola local, fazendo sobre ele considerações que muito me praz reeditar para o jornal da minha terra:

—Os lavradores de Nisa são quasi todos rendeiros, mas até aqueles que lavram terras suas — terras angariadas pouco a pouco numa ansia indizível, omcabelos amalhados à custa da mais severa economia — até esses levam, enquanto podem, a mesma vida de trabalho perseverante.

E' toda uma existência de sacrifício, sem comodidades de espécie alguma — verdadeiros

servos da gleba, vergados ao jugo incessante duma labuta extenuantíssima.

Ainda o sol anda iluminando outros continentes, já eles, em plena noite de inverno, depois de terem saboreado regaladamente, às três ou quatro horas da manhã, as migas do

Conclue na pág. 2

APOSTILA

No n.º 11 deste jornal, de 10 do corrente mês de Outubro, iniciou o Dr. Carvalho Costa a publicação dum estudo sobre *semântica*, no qual diz que esta palavra, segundo informação do filólogo Dr. Rodrigo de Sá Nogueira, «foi pela primeira vez empregada por Michel Bréal no seu *Essai de semântique* em 1897, e nisto tem sido seguido em regra por todos».

Efectivamente, Sá Nogueira diz isto mesmo na nota 3 da pág. 115 do 1.º volume da revista de filologia «A *Lingua Portuguesa* de que era director.

Mas tal informação não é exacta; e como induziu em erro o Dr. Costa, pode também, através do estudo deste, induzir em erro os leitores do «Correio de Nisa». Daí a razão da presente apostila.

Não foi no referido *Essai de semântique*, em 1897, que pela primeira vez foi empregado o termo *semântica*.

Tendo tomado contacto com Michel Bréal em 1918, nas aulas, que frequentei, de filologia portuguesa professadas em Coimbra pela Senhora D. Carolina Michaëlis, na Faculdade de Letras, verifiquei que o grande filólogo francês Bréal pelo menos já em 1883 empregara o termo *semântica* no seu notável trabalho «*Les Lois intellectuelles du langage, fragment de Semantique*, publicado no *Annuaire de l'association pour l'encouragement des études grecques en France*, pág. 132 e seguintes.

Também em 1886 e em 1887, datas, respectivamente, das duas primeiras edições de *La Vie*

Conclue na pág. 4

TRIBUNA LIVRE

O jôgo dos Césares

A vida afigura-se por formas diversas a cada um de nós.

Sócrates, que não escreveu, dizia para o seu comentador Platão quando este acrescentava um ponto à doutrina do Mestre: «Toma cuidado! Sou muito teu amigo, mas sou ainda mais amigo da minha consciência...».

O bom Montaigne observou que os escritos provocam da parte dos leitores, ideais, comentários e reacções em que os autores nunca pensaram! É difícil o acôrdo entre a oferta que arquiteta inabaláveis razões

de consciência para pedir o máximo, e a procura que forja não menos conscientes razões para largar o mínimo.

Entre um genro que raciocina e uma sógra que delira, não existe qualquer possibilidade de entendimento.

Donde provém tamanha diversidade de atitudes? Do nosso temperamento, que é como quem diz dos nossos sentimentos, em ordem principal, o interesse.

Quando patente, o interesse chama-se avidez. Mas as mais (Conclue na 4.ª página)

O que foi a luta no Oriente



Um viaducto inimigo, destruído pela Aviação aliada, durante as lutas no continente asiático.

Anúncios—1500 cada linha, segundo o linômetro de corpo B. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—850. Números atrasados: 1500. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00, continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem a gíngua quer sejam ou não blicados. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

RIMANCE DA FONTE DA PIPA



O' velha fonte da Pipa,
Moribundo fio de água,
Eu compreendo o teu martírio,
Eu compreendo a tua máguia.

Não tardarás a morrer,
Não tardarás a secar;
Como um cavaleiro antigo
Vais morrendo de vagar.

O teu cantar de alegria
Mostra a tua desventura:
— Tem a sombria tristeza
Duma noite fria e escura.

Bem sinto o teu sofrimento,
Bem sinto a tua paixão:
Sempre entre a vida e a morte
O teu pobre coração!

Cativa da tua sina,
Cativa da tua sorte,
Como cativa menina
Que está cativa da morte;

O' fontesinha da Pipa,
Fio de água moribundo,
Sinto a tua despedida
Num adeus triste e profundo.

Mal o estio se avizinha,
Sentes bem que vais morrer,
E já só no frio inverno
Tornarás a renascer!

Tuas linhas graciosas
Teem o sêlo divino
Do estilo da renascença
Que traduz o teu destino:

— Renascer para morrer,
Morrer para renascer,
E' a tua triste sina,
E' o teu triste viver

Mal inda te foi Natal,
Já se avista o teu Calvário:
— Como é negra a tua sorte!
Como é triste o teu fadário!

Renasces, como Jesus,
No maior rigor do inverno!
O teu destino é cruel,
Mas não ha de ser eterno.

Terá remédio o teu mal,
Terá fim a tua máguia,
Se a tua irmã Galiana
Te ceder da sua água.

Então, tu serás alegre,
Rodeada de raparigas,
Entre chufas e risadas,
Entre danças e cantigas.

Vencerás a má desdita
Que te fadou ao nascer:
Não mais soluços e prantos,
Não mais sofrer e morrer.

As môças, p'lo São João,
Virão bailar te em redor,
Com adufes e pandeiros,
Cantando trovas de amor.

Os namorados, nos pares,
Radiantes de alegria,
Hão de bailar tôda a noite
Até ao romper do dia.

Sem saudades dum passado
Que foi triste, mas norreu,
Enquanto o mundo fôr mundo,
Darás louvores ao céu.

Então, ô fonte da Pipa,
O teu cantar de balada
Terá a doçura e a paz
Duma noite enluarada.

João Saul Cid

A feira de S. Miguel

Nisa esteve em festa no dia 10 de Outubro.

O Rossio e a Devesa regor-gitaram de povo de todas as redondezas que veio aqui comprar e vender ou simplesmente de passeio, em visita às famílias e pessoas amigas.

Dia esplendoroso de sol, brilhoso na policromia dos trajes, dos artefactos de toda a ordem na confusão da feira, com o seu barulho ensurdecedor, as suas características próprias tão tradicionais, a portuguesa. Ressoavam os pregões, os reclamos das artes maravilhosas, os alto falantes, numa vozearia confusa de fados roncoiros, de tangos dolentes, de modinhas picantes das Revistas.

Enfim! Era a feira, a feira completa, a que nem faltou a gentileza das Senhoras, na azáfama das compras, ou nos passeios pelas alamedas do Rossio.

Efizem-se negócios de vulto. Logo de manhã, pessoa ami-

Tribuna livre

(conclusão)

das vezes cobre-se com os mantos da amizade, do amor, na filantropia da religião... Outras vezes nem chéga a sair do domínio do sub-conciente.

São os sentimentos que governam o mundo. A fria razão tem um poder muito menor sobre o comportamento dos homens... e sobretudo das mulheres:

«Souvent femme varie»...

«La dona e mobile...»

Napoleão atribuiu o desastre de Waterloo a que os ingleses, acumulando os erros de

ga segreda-nos: «Já se realizou uma transação de gado suíno no valor de mil contos».

O «Cine-Teatro Nisense, deu quatro sessões, na época da feira. Enfim, se não foi coisa de pasmar, a feira de S. Miguel, este ano, não deixou de manter os seus pergaminhos de grande mercado tradicional.

estrategia, não agiram como éle previra. Mas os ingleses agindo erradamente, como pretendia Napoleão, bem entendido, ganharam a célebre batalha.

Quantas surpresas mal entendidas, quantos dissabores se não devem á simplicidade deste raciocínio: julgar que os outros vão agir, em determinadas circunstâncias, como nós próprios agiríamos!

Devemos, pelo contrário, procurar metêr-nos na sua pele e aquilatar das suas reacções pelo conhecimento que dêles temos. Tarefa difícil, ingrata e delicada. Devemos praticar quanto possível «o jôgo dos Césares.»

Conta-se que um inglês erudito se divertia, em família a exercitar a perspicacidade dos filhos perguntando-lhes com qual dos famosos imperadores romanos mais se pareceriam os amigos da casa, se dispuzessem do poder discrecionário de que usufruíram aqueles monstros.

X.

Anunciem no «CORREIO DE NISA»

APOSTILA

(Conclusão)

des Mots de Arsêno Darmesteter, notável professor de Literatura francesa da Idade-Média e de História da Língua francesa na Faculdade de Letras de Paris, se emprega a palavra *semântica* como vocábulo, tirado do grego, para designar o «ciência das mudanças de significação das palavras».

Do mesmo modo, muito antes de 1897, data do citado *Essai de Sémantique* de Bréal, já o filólogo português Adolfo Coelho empregava a palavra *semântica* na 3.ª edição do seu livro «A Língua Portuguesa», a pág. 37, não me sendo possível verificar, por as não possuir, se nas duas edições anteriores já teria usado tal vocábulo.

Em conclusão: — ao contrário do que diz o Dr. Sá Nogueira no lugar citado, já muito antes de 1897 o termo *semântica*

Quem Canta

Por eu ser pobre, sorria da minha má condição, Voam alto as cotovias — e fazem ninho no chão.

Sou feia? Cá sei haver sem zelos nem desavenas. Tomaram os cegos ver. Há mais cegos do que pe-

AUGUSTO

era empregado pelos nacionais e estrangeiros.

Aproveito também o para mostrar o meu des-sobre a preferência que Costa parece dar á *palatmatologia* que utiliza par-título do seu estudo em termo *semântica*.

Mas, para não torna-mais extensa, isso fica para apostila.

DIAS LOU

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO CENSOR DO DISTRITO